

INFORMAÇÕES

(Continuação da pág. 3)

Reunião de Catequistas: O pároco reunirá com todos os Catequistas da paróquia na próxima quarta-feira, dia 23, às 21,15 h., no salão paroquial, para programação do ano catequético 2020-2021.

“Côngrua” Paroquial: O pároco lembra que durante os meses de setembro e outubro decorre a entrega da chamada “Côngrua” ou Contributo Paroquial, destinado ao sustento do pároco. Poderá ser entregue na sacristia ou diretamente ao pároco, em envelope fechado, com o nome e morada do chefe de família. À saída das Eucaristias poderão levar um envelope para o efeito.

Por indicação da Conferência Episcopal Portuguesa em 1968, cada família deverá, de modo voluntário, partilhar para o sustento do pároco o rendimento de um dia por ano. Como nos tempos atuais há famílias com muitos encargos fixos que levam a maior parte do seu rendimento, poderão fazer-se as devidas deduções, tais como, por exemplo, a renda ou prestação da casa e os gastos com os estudos dos filhos.

Cada um procure ser generoso, partilhando aquilo que, em consciência, puder!

O pároco informa que, como de costume, a verba dada para o seu sustento reverterá para ajuda do pagamento das obras de construção da igreja nova.

Donativos para a igreja nova:

Foram entregues esta semana os seguintes donativos para o pagamento das obras de construção da nossa Igreja Paroquial: Ana do Rosário e Lídia do Rosário – 10 € (mensal); Arminda da Conceição Oliveira Rodrigues Gomes – 20 €, Casal Albina e Manuel, da Rua de Santo André – 10 €; Manuel Fernandes Pereira e Etelvina Freitas Viana – 20 € (mensal); Manuel Pinto Oliveira – 20 €; Rosa Celeste Afonso do Rego, da paróquia de Areosa – 20 €. Bem hajam!

Donativos para o padroeiro: Esta semana foram entregues ao pároco os seguintes contributos para o nosso padroeiro, o Senhor do Socorro: Deolinda das Dores Mota – 20 €; Anónimo – 5 €. Bem hajam!

MISSAS

Dia	Hora	Intenções	
22	Ter	18h45	Manuel Freitas da Silva; Eduardo Augusto
24	Qui	18h45	Rosalina da Silva Santa Marinha (30.º dia); Rosa Araújo Gomes; José de Ramos; Rosa de Araújo Fernandes
26	Sáb	19h00	Justino Oliveira e familiares; Amadeu Catarino, esposa e filho; Julieta Auxília Teixeira da Conceição; Joaquim de Lima Veiga; Manuel Neiva da Costa; Fernando Lopes Diogo
27	Dom	10h00	Joaquim da Silva e Margarida Silva; José Ramos e Teresa Loureiro; António Martins Ramos; Teresa Bandeira Ramos; Margarida de Jesus Sousa Lima e marido

PARÓQUIA V I V A

N.º 1018 – 20/09/2020

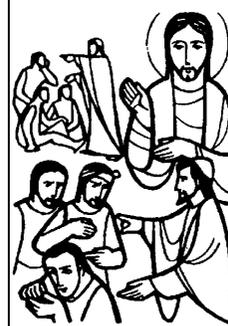
Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefones: 258 811 475 / 258 80 67 56 | Telemóvel: 93 63 22 123

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: www.senhordosocorro.org • Sai todos os Domingos



25.º Domingo Comum – Ano A



«disse Jesus aos seus discípulos a seguinte parábola: “O reino dos Céus pode comparar-se a um proprietário, que saiu muito cedo a contratar trabalhadores para a sua vinha. ... Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos.”» (Evangelho)

A importância da tristeza

Por: José Luís Nunes Martins

A alegria é apenas uma parte da vida, por muito que alguns tentem convencer-nos de que a sua existência é apenas feita de bons momentos.

Ser humano é ser de carne e osso. A vida que queremos parece que passa o tempo a fugir-nos, e enquanto perseguimos o que sonhamos a cada dia há tropeços e quedas. Vamos absorvendo esses sofrimentos que fazem parte de qualquer caminho, até que, num inesperado momento, temos de os enfrentar no íntimo. Sussurrámos e gritámos com a tristeza que nos abraça o coração.

O mundo de hoje pressiona-nos a estar sempre felizes, ou pelo menos a parecê-lo. Uma pressão forte e constante para que apenas consideremos o lado positivo de tudo. Ora, o mundo é muito mais do que as cores da alegria, há tempos e lugares onde a tragédia vive e cresce...

A minha felicidade tem de integrar os momentos em que, de forma inesperada, uma aflição vaga, sossegada e profunda chega, fazendo com que deixemos de encontrar gosto e diversão nas coisas comuns. E é nesses terrenos inexplorados que devemos procurar as belezas raras que não existem senão nos vales mais profundos da condição humana.

Há caminhos para o alto! Mas é preciso procurá-los e reconstruir as partes que se estragaram por falta de uso.

A tristeza eleva-nos, na medida em que nos desvia o olhar do inútil e nos faz ver o importante.

Hoje, as grandes conquistas são as de coisas, o sucesso material... Não se valoriza quem enfrentou os seus pesadelos e alcançou a paz. Como se isso não fosse o mais importante. Quanto valem todas as riquezas para quem se perdeu a si mesmo de modo a alcançá-las?

É possível que eu impeça o meu coração de sentir tristeza, mas isso tem um custo: estarei a desligar-me de todas as outras emoções, boas e más. Só pode ser feliz quem permite a si mesmo sentir todos os sentimentos.

Sem tristeza própria, não posso compreender nem ajudar na tristeza de quem quer que seja... E, sem amor, ninguém é feliz, nem sequer fica perto!

Ainda que a minha história seja um mar de infortúnios, acredito que há e haverá sempre algo que me ultrapassa e justifica a minha vida.

(Continua na pág. 3)

25.º Domingo do Tempo Comum – Ano A

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª Leitura: Is. 55, 6-9

2.ª Leitura: Fil. 1, 20c-24.27a

Evangelho: Mt. 20, 1-16a

- Sabor a injustiça ou sinal de justiça curta? -

No evangelho deste domingo somos confrontados com uma parábola a que não é fácil dar a volta. Se, por um lado, estamos de acordo que o vinhateiro não cometeu qualquer injustiça, pois pagou o salário combinado, também é verdade que sentimos um certo sabor a injustiça, por ter dado a todos a mesma paga, já que faz parte da justiça tratar diferentemente o que é diferente. Convenhamos que não é a mesma coisa trabalhar apenas uma(s) hora(s) ou mourejar todo o santo dia!

Por isso, ela lança-nos o desafio a não ficarmos do lado dos que trabalharam o dia inteiro, mas a passarmos para o outro lado. E o outro lado são, antes de mais, aqueles homens que, tendo trabalhado apenas uma(s) hora(s), receberam a paga por inteiro: não é difícil imaginar a sua alegria e contentamento! E a verdade é que a culpa não foi deles – “ninguém nos contratou” – apenas não estiveram no lugar certo à hora certa. Mas o sustento da sua família esse estava dependente do seu vencimento. E, se esse fosse o nosso lado, não gostaríamos que nos acontecesse a mesma coisa? Então, porquê tanta inveja e revolta?

Mas o outro lado é, sobretudo, o lado de Deus! Com esta história, levada até ao extremo da sua verosimilhança, Jesus quis dar-nos a conhecer o coração do nosso Deus, que é um coração grande, magnânimo, generoso – é mesmo um coração de Pai: “tanto quanto o céu está acima da terra, assim acima dos vossos estão os meus pensamentos”!

Escreveu o Papa Francisco para o Ano Jubilar da Misericórdia: “Deus, com a misericórdia e o perdão, passa além da justiça. Isto não significa desvalorizar a justiça ou torná-la supérflua. Mas, se Deus se detivesse na justiça, deixaria de ser Deus. A justiça, só por si, não é suficiente e a experiência mostra que, limitando-se a apelar para ela, corre-se o risco de a destruir. Deus não rejeita a justiça: Ele engloba-a e supera-a num evento superior onde se experimenta o amor, que está na base da verdadeira justiça” (Misericordiae vultus, n.º 21).

E é à luz desse coração grande que melhor vemos a pequenez e a mesquinhez do nosso: não somos capazes de nos alegrar com aqueles que estão alegres, nem de partilhar a tristeza dos outros – é o nosso coração que precisa de ser mudado e não o coração de Deus!

Daí o apelo do mesmo Papa Francisco, ao encerrar esse Ano Santo da Misericórdia: “Somos chamados a fazer crescer uma cultura de misericórdia, com base na redescoberta do encontro com os outros: uma cultura na qual ninguém olhe para o outro com indiferença, nem vire a cara quando vê o sofrimento dos irmãos.

Este é o tempo da misericórdia. Cada dia da nossa caminhada é marcado pela presença de Deus, que guia os nossos passos com a força da graça que o Espírito infunde no coração para o plasmar e torná-lo capaz de amar. É o tempo da misericórdia para todos e cada um, para que ninguém possa pensar que é alheio à proximidade de Deus e à força da sua ternura. É o tempo da misericórdia para que os quantos se sentem fracos e indefesos, afastados e sozinhos, possam individualizar a presença de irmãos e irmãs que os sustentam nas suas necessidades. É o tempo da misericórdia para que os pobres sintam pousado sobre si o olhar, respeitoso mas atento, daqueles que, vencida a indiferença, descobrem o essencial da vida” (Misericordia et Misera, 20-21).

É assim que poderemos trocar o sabor a injustiça pelo sabor e cheiro a misericórdia!

Pe. José de Castro Oliveira

Ama quem precisa, não quem merece

Por: José Luís Nunes Martins

Abre-te à luz que te habita, para que o teu caminho se ilumine. Sê mais transparente, não te enchas tanto de ti. A luz de ti mesmo precisa de um espaço para brilhar. Oferece-lhe um coração grande, com poucas coisas – quase vazio.

Aceita o dom do amor e serás uma fonte de bem para outros.

Nunca recuses o amor, ama. Nunca recuses o amor, deixa-te amar. Não há nada pior do que rejeitar o que te dá sentido à tua vida e te dignifica.

Não és o teu nome, nem a tua família, profissão, dinheiro, poder, posição social ou mesmo as tuas capacidades. Tu és aquilo que te diferencia dos outros.

Crescemos de cada vez que não acumulamos, enriquecemos de cada vez que somos generosos. A felicidade não é acrescentar coisas, é partilhar com quem não tem quem o valorize pelo que é!

Não te deixes atrofiar pelos teus orgulhos e egoísmos.

Lembra-te de que amar é um dom, não é um prémio. Ninguém o merece, mas todos precisam dele, muito.

Tu és maior, e mais importante, do que todos os teus erros e fracassos.

Os outros são iguais a ti: maiores e mais importantes do que todos os seus erros e fracassos.

Levanta-te, anda e ama.

In Ecclesia, 11.09.2020

A importância da tristeza

Por: José Luís Nunes Martins

(Continuação da 1.ª página)

Uma alma triste não deixa de ser nobre, muito pelo contrário.

E quando é tempo de paz e alegria, ninguém voa mais alto do que aqueles que aceitam a vida tal como ela é: longa, larga, profunda e tão alta que chega ao céu.

Há uma certa doçura na tristeza que revela a nossa fragilidade autêntica, mostrando-nos, a nós mesmos e aos outros, como verdadeiros. Tristes, mas inteiros.

Que a tristeza não nos faça mentir e criar falsas aparências de sucesso e alegria. Que não nos feche em nós e assim nos impeça de amar e de ser amados.

In Ecclesia, 04.09.2020

INFORMAÇÕES

Faleceu D. Anacleto Oliveira: Ao fim da manhã de sexta-feira, dia 18, vítima de acidente automóvel, faleceu o nosso Bispo, D. Anacleto Oliveira. A sua partida para Deus representa para a nossa Diocese e para a Igreja em Portugal uma grande perda. Agradecemos ao Senhor todo o seu trabalho pastoral na nossa Diocese e na Conferência Episcopal e rezemos para que esteja já na glória celeste a interceder por nós e por esta terra do Alto Minho que ele tanto amava.

Ofertório para os “Lugares Santos de Jerusalém”: Conforme já publicado na semana passada, não se tendo realizado a Celebração da Paixão e Morte do Senhor na Sexta-feira Santa deste ano devido à Covid-19, o Ofertório para os “Lugares Santos de Jerusalém”, próprio desse dia litúrgico, foi adiado, na nossa paróquia, para as Eucaristias deste domingo, dias 19 e 20. Seja generoso(a)!

(Continua na pág. 4)